



O LUGAR DO PROTAGONISMO: A SUPER-HEROÍNA COMO VERSÃO DO HERÓI

Priciliana Dias PEREIRA (PG- UNEMAT)¹⁵
Paulo Cesar TAFARELLO (PG-UNEMAT - NEAD)¹⁶

Resumo

Neste presente texto propomo-nos a partir do viés teórico da Análise de Discurso Francesa (AD) uma leitura das super heroínas das histórias em quadrinhos norte-americanas que foi para as páginas dos quadrinhos para representar o sexo feminino. Observamos que ao longo do tempo nas histórias em quadrinho as personagens femininas são retratadas apenas pelo viés de sua relação com o sexo oposto, o homem; acentuadas em papéis como frágeis, românticas, dependentes e entre outros estereótipos submisso ao sexo masculino cabendo também às personagens reforçarem os valores atribuídos às mulheres de cada período

Palavra Chave: **Subjetividade. identidade. heróinas.**

ABSTRACT

In this present text we propose, from the theoretical bias of French Discourse Analysis (DA), a reading of the superheroines of North American comics that went to the pages of comics to represent the female gender. We observed that over time in comics, female characters are portrayed only through the bias of their relationship with the opposite sex, the man; accentuated in roles such as fragile, romantic, dependent and among other stereotypes submissive to the male sex, while the characters also have to reinforce the values attributed to women in each period.

Keywords- Subjectivity. identity. heroines

1.Introdução:

¹⁵ Acadêmica, Pós graduação em Linguística (Mestrado) na UNEMAT /Cáceres

¹⁶ Doutor em Linguística, Professor no PPGL – Linguística – UNEMAT – Cáceres e no Curso de Letras da UNEMAT – Alto Araguaia.



No presente texto propomo-nos a partir do viés teórico da Análise de Discurso Francesa (AD) uma leitura das super heroínas das histórias em quadrinhos norte-americanas que foi para as páginas dos quadrinhos para representar o sexo feminino. Observando que através de séculos nas histórias as personagens femininas são retratadas apenas pelo viés de sua relação com o sexo oposto, o homem; acentuadas em papéis como frágeis, românticas, dependentes e entre outros estereótipos submisso ao sexo masculino. Cabe também as personagens representar os valores sociais atribuídos as mulheres.

O papel central das histórias em quadrinhos era primordial ao homem/super-herói visto como ser viril, dotado de força extraordinária e responsável por proteger e cuidar das pessoas mais vulneráveis. Em meio esse cenário masculino e hostil como as personagens femininas passaram a ocupar o papel de protagonista e assumindo o lugar de super-heroína nas páginas dos quadrinhos?

Por intermédio dos conceitos teóricos da AD, mostraremos as condições de produção que corroboram para criação de tais personagem e como o sujeito/personagem feminino abordado nas histórias assumem e incorporam essa posição discursiva-sócio-histórica-ideológica. Nos detemos em observar alguns fatos históricos culturais que nos ajudará a refletir a constituição da heroína enquanto sujeito protagonista, isto é, compreender a transformação, os deslocamentos discursivos sociais.

A condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Em sentido estrito é o contexto imediato. Em sentido amplo é o contexto sócio – histórico, ideológico. (Eni.P. 2013. p.30.)

A Milhares de anos atrás os povos já criavam suas histórias e seus heróis. O conceito de herói vem desde os tempos primórdios na Grécia antiga representado pela mitologia grega. Na Grécia podemos citar grandes renome como o Herói Aquiles da guerra de Tróia e o mais importante dos guerreiros da mitologia grega, a sua única fraqueza era seu calcanhar, conhecido até os dias atuais a expressão “calcanhar de Aquiles”. Estes grandiosos heróis eram simbologia de homens de caráter e conduta exemplar a serem seguidos e admirados por gerações e gerações. Em contrapartida podemos citar o mito da bela jovem Helena que após aceitar fugir com Páris causou a famosa guerra de Troia. Tudo começou quando as três deusas Afrodite, Hera e Atena disputavam quem era a mais bela, então, Páris escolheu Afrodite, que lhe prometeu o amor da mulher mais bela



de toda a Grécia. Visto que o estopim para a guerra foi a beleza feminina, não sequer os conflitos políticos e territoriais entre os reinos que realmente fora o verdadeiro motivo.

Para Chartier (1995), a mitologia nada mais é do que uma avalanche de discursos e representações, com autores masculinos num discurso a-histórico produzindo a cultura. As representações do mundo antigo, mais precisamente do mundo greco-romano, provêm do olhar masculino. Na Grécia Antiga, a mulher ocupava uma posição inferior à do homem, e possuía pouquíssimos direitos. Ocupava posição equivalente à do escravo que executava trabalhos manuais e era desvalorizado pelo homem livre. Em Atenas, ser livre era ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro 4. (Weschenfelder e Coling .p.04. 2011)

Nas palavras do autor observamos o papel ocupado pelas mulheres na mitologia grega. Levando em consideração que as histórias em quadrinhos produzidas no século XIX e XX são discursos e representações produzindo cultura à cerca da visão masculina. Nesses discursos das Hqs buscaremos perceber sentidos nessa relação de disparidade de gênero.

Buscando uma compreensão do termo Herói que deriva do grego antigo, define-se como um homem que se distingue por seus valores nobres e grandes feitos ao bem comum. Caracterizados como um semideus filho de um deus/deusa e um humano, ou um homem que possuía uma habilidade incomparável humana. Os super-heróis das HQs podem ser definidos com as principais características: os superes-poderes, uma identidade secreta, roupas características, e também alguns possuem habilidade humana extraordinária, e como ponto crucial todos tem uma missão de vida de lutar contra o mal em defesa dos inocentes. Os mitos gregos ao longo da história ganharam significado simbólico para a existência humana, discursos de representação masculina produzindo história e cultura. Observamos a grande influência que tais heróis causavam na sociedade, e os nossos heróis das histórias em quadrinhos produzem uma vivacidade no meio social, de modo, que logo cedo a criança identifica-se com um dos heróis, e o toma como um ídolo. As histórias em quadrinhos tornaram-se o meio de comunicação em massa que atinge e influência todos os públicos nas diferentes camadas sociais.

GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O gênero histórias em quadrinhos são narrações que lançam mão de recursos visuais, imagem (linguagem/signos não verbais) e texto (linguagem/signos verbais) que formam o enredo



da história. O gênero consagra-se influenciando o público infantil, os adolescentes, e logo mais, os adultos. A primeira HQs criada foi pelo artista americano Richard Outcault, e publicada em 1895 nos jornais sensacionalistas de Nova York uma tirinha de Outcault, nomeada *The Yellow Kid*. *Esse universo das HQs subdividi em variados gêneros tirinhas, cartum etc. Com uma linguagem rápida e com a exploração de imagem era possível abordar diferentes temas, e também de fácil leitura. Em específico o gênero de super-herói lançado pelas editoras Marvel Comics e DC Comics que popularizaram na década de 1930 nos Estados Unidos. Logo mais, os heróis Superman, Batman e outros tornaram-se ícone para o público brasileiro.*

Quando situamos o contexto histórico, não nos referimos a história no sentido de relato histórico que possa estar explícito no texto, mas a *historicidade* do texto em sua materialidade, da qual está inscrita na relação com exterioridade (história), isto é, pensar o texto como acontecimento discursivo, observar o trabalho dos sentidos nele. Para a análise não interessa a extensão ou a sua organização linguística, mas sim “como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em sua relação com o mundo” (Orlandi 200). Deste ponto, não nos interessa aqui o gênero textual, mais sim as HQs como espaço de acontecimento discursivo e sua relação com a exterioridade. Os quadrinhos são espaços possíveis para a representação das formações imaginárias sociais que estabelece uma relação estrita entre a indústria dos quadrinhos e o público consumidor.

Quanto ao autor? A autoria é uma função do sujeito; função discursiva que assume enquanto produtor de linguagem, produtor de texto. O autor é determinado pela sua exterioridade, contexto sócio-histórico, isto é, autor é afetado pelo contato social, contexto imediato da produção, ele precisa seguir todas as regras textuais, para dar originalidade, completude, clareza a unidade textual. Pois, o autor escreve para o outro, o leitor.

Essa função tem seu polo correspondente que é o leitor. De tal modo isso é assim que cobra-se do leitor um modo leitura especificado pois ele está, como o autor, afetado pela a sua inserção no social e na história. O leitor tem sua identidade configurada enquanto tal pelo lugar social em que se define “sua” leitura pela qual, alias ele é considerado responsável. (Orlandi. p.76. 2000)



Nas palavras de Orlandi a forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso, sujeito-jurídico. O indivíduo torna-se sujeito ao submeter-se a língua. A língua possui uma relação com a ideologia, o sujeito cria um imaginário de completude, que mestre daquilo que diz e faz, no entanto, é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos. É na historicidade da língua que podemos compreender a ambiguidade da noção de sujeito.

O relacionamento de interpretação do leitor com o texto se dá pelo contexto social imediato que ele se encontra, os seus conhecimentos prévios, pensamentos e ideologias, a partir dessa individualização de cada leitor, há uma interpretação, possivelmente, o leitor é afetado pelos sentidos apreendido no texto, e cria formações imaginárias. Como dito, os sentidos do texto podem ser múltiplos e sempre outros, pois não são fixos ali, se relaciona com outros possíveis discursos, textos.

Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento de interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá”. (Eni P. 2013. p.45-46)

O sujeito-leitor interpreta e ao mesmo tempo nega sua interpretação, porque para ele os sentidos, já estão postos ali, já dados, porém, este é o trabalho da ideologia de produzir evidências subjetivas, que naturaliza os sentidos. A ideologia descentra o sujeito, não o considerando origem e responsável pelo sentido que produz.

A ideologia é engendrada pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), conforme Althusser (1985), pelas instituições disciplinares de estado, como o sistema religioso, familiar, escolar, político, judicial, etc. que regem a ordem discursiva em sociedade. Assim, o sujeito-autor, o sujeito-leitor e todos os sujeitos ocupa uma posição ideológica social, pois não existe sujeito sem ideologia. O indivíduo passa a ser assujeitado desde criança pelo contato com língua, a língua é o que constitui o sujeito, o determina e o submete. Esse processo de interpelação ideológica se dá na/pela língua(gem), à medida que o indivíduo se submete à língua, é inscrito no simbólico, na história.



Pode-se dizer que as construções das narrativas das HQs está ligada a experiência de vida de seres humanos (re)produzindo diferentes formas de ser, assim, as histórias ganham sentido na imaginação dos leitores que identificam-se à personagem estereotipado. Os super-heróis são pautados por valores morais, são movidos pela verdade, pela justiça, uns protegem os inocentes, outros perseguem os vilões. Todos enfrentam os problemas sem perde a lealdade ao povo e ao seu país. Ora são apresentados como uma “pessoa comum”, ora como um “ser superior” este jogo de ficção possibilita que os personagens aproximem do leitor, ou o inverso.

O CORPO FEMININO E SUAS REPRESENTAÇÕES DE SENTIDOS.

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um viés: não mais a legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda que dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). (M. Pechêux p.55.1999)

Propomos a partir de uma análise imagética observar como a forma física das primeiras heroínas passou a ser representada/desenhada nas histórias em quadrinhos. Os desenhos ganham características particulares e essenciais para caracterizar cada personagem, e fazendo parte de sua identidade durante sua existência.

As histórias em quadrinhos foram por muito tempo apenas território masculino, tanto os enredos como a parte das caricaturas. Os belos traços que deram formas as curvas corporais as primeiras heroínas são feitas por mãos masculinas que escreviam para o público masculino. O corpo das personagens tornava um belo objeto atrativo ao público alvo.

A criação de imagens idealizadas vinculadas à rotina e ao dia a dia (como a girl netx door e o boy netx door, conforme nos mostraram Martignette e Meisel), torna mais fácil o processo de aceitação e identificação do espectador de uma imagem, romance ou película, pois “é na medida em que o filme se aproxima da vida real



que ele acaba na visão mais irreal, mais mítica: a satisfação dos desejos, a felicidade eternizada” (MORIN, 2011, p.86 apud Regina G. 2017).

As heroínas eram inspiradas nas garotas pinup que consagrava o imaginário de beleza vigente na época “a mulher voluptuosa, cintura fina, curvas acentuadas e elegantemente bem vestida” (fig3; fig4; fig 5) sendo esta forma de representação feminina que circulava pelos meios de mídias existentes na época. As imagens das modelos pinup em poses sensuais eram penduradas nas paredes de dormitórios masculinos, daí vem o significado da palavra pinup “prender à parede com um prego”. Assim, desta representação feminina que a figura da heroína é constituída nas páginas dos quadrinhos.

O uniforme da heroína era idêntico ao do herói apresentando alguns toques de feminilidade: com as mesmas cores ou cores muito próximas, as partes femininas sempre são bem valorizadas com decotes, minissaias, maiôs ou biquínis, os uniformes sempre bem justo ao corpo. Todos os personagens são mascarados para ocultar sua identidade, os cabelos da heroína ganham destaque, médios a longos, e volumosos, atribuindo identidade visual feminina a personagem criada. E para salientar todos os atributos as heroínas aparecem nos quadrinhos em poses sensuais que valorizam o corpo. Fig 1 e 2.

Os criadores e roteiristas seguiam uma via tensa de mão dupla: as personagens com caráter erótico para captar a atenção do público masculino e ao mesmo tempo precisava captar ao público feminino pela identificação.

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo o discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.” (Eni.P. p39. 2013 grifos nossos)

Interessante situar, que esta representação sexualizada da mulher não condizia com o pensamento feminista vigente que lutava pelos direitos das mulheres Fig 1. Essa representatividade da nudez não era intuitiva de mostrar os avanços dos movimentos, ao contrário, mostra a re/produção de uma representatividade social patriarcal, historicizada e cristalizada funcionando nos discursos das HQs. Nessas relações de forças discursivas hierarquizadas que os sujeitos tomam



diferentes lugar de fala e identificam-se, as formas corporais das heroínas tomam seu lugar de fala, como a representatividade imaginária de beleza feminina a ser propagado e comercializado.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

A SUPER-HEROÍNA UMA VERSÃO DO SUPER-HEROÍ

O sistema de comunicação entre os sujeitos é definido basicamente: o emissor transmite uma mensagem (informação) referindo algum elemento da realidade ao *receptor* que decodifica a mensagem. A noção discursiva distancia desta definição, não há separação entre emissor e receptor, ambos realizam ao mesmo tempo o processo de significação. Esse processo não se trata apenas de transmissão de informação/mensagem, pois no funcionamento da linguagem que sujeitos e sentidos são afetados pela língua e pela história, daí resulta, um processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos, o que é denominado como Discurso. Nessa instância as HQs deixam de ser histórias de deleite, pois são apenas mensagens/informação, mas discursos de várias posições do sujeito afetados pela exterioridade.



As transformações que ocorreram na década de 1930 aclamavam por uma representação feminina nas páginas das histórias em quadrinhos representado apenas pelos super-heróis. A partir da produção desses quadrinhos propomos analisar os sentidos e as condições de produção que resultaram da criação das personagens que apresentaram as primeiras versões femininas de Heroínas das histórias em quadrinhos, estas são Lois Lane, Sheena, a Rainha da Selvas, Mulher Gavião e Batwoman.

De várias formas, a mulher já foi mostrada como sexo frágil através de vários rótulos, nos romances, literaturas, etc. A primeira versão feminina a ganhar vida nos quadrinhos foi Lois Lane que conquistou inúmeros leitores e quase ocupou o papel central dos enredos. A personagem Lois Lane foi criada em 1938 por Jerry Siegel e Joe Shuster, pelos críticos não fora considerada uma heroína. Mas, a personagem era a primeira mulher a ocupar um enredo deixando o lugar de “mocinha” ou “vilã” nos quadrinhos, e passa a ser retratada como uma mulher forte, corajosa, de boa índole e educação. Com formação em Jornalismo, trabalhava no Jornal Planeta Diário.

O sistema de comunicação entre os sujeitos era definido basicamente: o emissor transmite uma mensagem (informação) referindo algum elemento da realidade ao *receptor* que decodifica a mensagem. A noção discursiva distancia desta definição, não há separação entre emissor e receptor, ambos realizam ao mesmo tempo o processo de significação. Esse processo não se trata apenas de transmissão de informação/mensagem, pois no funcionamento da linguagem que sujeitos e sentidos são afetados pela língua e pela história, daí resulta, um processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos, o que é denominado como Discurso. Nessa instância as HQs deixam de ser somente histórias de deleite, pois não são apenas mensagens/informação, mas discursos de várias posições do sujeito afetados pela exterioridade.

Na década de 30 acontecia a primeira onda do movimento feminista, e o movimento sufragismo reendicava os direitos políticos das mulheres o direito de votar e de ser votada, ao mercado de trabalho, ao ingresso no ensino escolar. Lois trazia traços dessas prováveis mudanças, porém, a personagem é podada pelo pensamento patriarcal, masculino, do qual o homem era o centro do papel político, social e cultura. Assim, Lois gira em torno ao protagonismo, as sombras do seu par Romântico Krak (a identidade social de Superman), uma idealização de uma dama da sociedade, e outro ponto, uma jornalista deslumbrada pelos riscos de sua carreira, que apaixonada pelo SuperMan, mas sem ocupar este lugar que é de práxis ao herói. A personagem passa a ser



símbolo romântico, e os dois casam-se em uma edição especial com o nome de "*Superman: O Casamento*". A mulher é constituída historicamente na posição de exercer seu papel social representando os valores familiares (casamento, filhos) e conservadores, assim, não fugindo muito ao padrão dos romances.

Com auge das chamadas *jungle stories*, histórias passadas em selvas de regiões dominadas ou influenciadas por países da Europa e Estados Unidos. Característicos as Histórias de Tarzan. O criadores Will Eisner e Jerry Iger (1938) da vida a primeira heroína dos quadrinhos Sheena, A rainha das Selvas. A heroína diferente da Lois ganha o discurso protagonista das histórias deixando de lado o papel frágil, muitas vezes salvando seu amado Bob. A Rainha das Selvas é uma releitura de Herói Tarzan o rei das Selvas, sua versão feminina. Ambos se assemelham até nos enredos, cresceram como órfã em meio a selva, seu par amoroso é o personagem Bob Reynolds, como Tarzan e Jane. Durante toda a existência do ser humano a mulher sempre foi considerada em segundo plano, na Bíblia primeiro Deus cria o Adão, depois para companhia de Adão, e da sua costela cria Eva, a versão feminina de Adão. A personagem é criada a partir da referência masculina de Tarzan, tornando-se o cujo reflexo do herói.

As mudanças que ocorrem no discurso e as novas significações que um acontecimento histórico invoca através das novas séries de enunciados que se formam a partir da desestabilização do que é dito normalmente. Essa desestabilização ocorre justamente na **memória discursiva**, que “deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (M. Pecheux.1999). O surgimento da heroína implica na destabilização do mesmo da figura feminina nas histórias, e possibilidade de ruptura.

Na mesmo estilo de criação da heroína como versão do herói, O herói Gavião Negro ganha uma companheira a heroína A Mulher Gavião. Aqui chamo-vos a atenção há um aspecto crucial a versão casal romântico de Lois Lane e Superman é retomada, representa a estabilização do discurso, a memória discursiva, a possibilidade de repetição do já dito em outro momento, este já dito implica o novo ao ser reatualizado. A história da Mulher Gavião e do Gavião Negro começou no antigo Egito, quando o príncipe Quéops e a Princesa Chay-Ara ao serem assassinados pelo feiticeiro Hath-Set, juraram sempre se reencontrar nas próximas reencarnações.



Em janeiro de 1940 a heroína foi criada por **Gardner Fox** e **Dennis Neville** como **Shiera Sanders**, reencarnação da princesa Chay-Ara, que viveu no antigo Egito. Conseqüentemente, predestinada a reencontrar o seu príncipe ela apaixonou-se por Carter Hall, O Gavião Negro, que ao seu lado passa a lutar pela Justiça como a Heroína Mulher Gavião.

A heroína é predestinada em todas as suas reencarnações a ser a companheira do Herói, isto é, os valores do casamento por parte da mulher se confirmando, a mulher deve ser fiel e leal ao laço matrimonial ao homem. O casamento é pautado pelos fundamentos do cristianismo, “O que Deus uniu, o homem não separa”, apenas a morte. A mulher não tinha direito ao divórcio existia Desquite Judicial, que autorizava apenas a separação dos cônjuges, porém o vínculo matrimonial permanecia para o resto da vida. Quando a mulher voltava a se unir a alguém, não tinha respaldo da lei, esses casais viviam “em concubinato” em termos jurídicos. Os filhos eram considerados ilegítimos, como se gerados em relacionamentos extraconjugais. A igreja católica e uma parte conservadora da sociedade, lutava para manter o preceito constitucional mantendo nas constituições que o casamento era indissolúvel (Carta Magna de 1934).

Concebemos o fato de que a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (ou outros) lugares 2. É isso que significa a determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos: nem fixados ad eternum, nem desligados como se pudessem ser quaisquer uns. É porque é histórico (não natural) é que muda e é porque é histórico que se mantém. Os sentidos e os sujeitos poderiam ser sujeitos ou sentidos quaisquer, mas não são. (ORLANDI. p.14. 1999)

De um lado o discurso dos protestantes católicos contra a destruição da família, e do outro, os movimentos que defendia os Divórcios como mudança social, direito individual de ser livre, ou poder formar uma nova família. O Discurso protagonista da heroína confirma o imaginário social sobre as relações de orientação sexual, mostrando o politicamente correto os relacionamentos heterossexuais, homem e mulher, e a preservação da família tradicional.

A heroína como autoafirmação heterossexual do Herói

Nos anos de 1940 os quadrinhos do Batman ganharam um novo elemento o *sidekick*, que seria o tipo de narrativa que o super-herói principal atuava ao lado de um parceiro-jovem para alcançar o público infantil. Dick Grayson ficou órfão muito jovem, Batman tornou-se responsável pelo garoto. Mas tarde, o jovem passou a atuar nas missões com o Batman com o nome de Robin.



A dupla perfeita de heróis logo caiu no gosto dos leitores, o humor de Robin quebrava a seriedade do parceiro.

O psiquiatra Fredric Wertham em seus estudos sobre a influência dos quadrinhos no comportamento dos leitores, lança em 1954, o livro *Seduction of the Innocent*. Um dos temas principal elencado foi a homossexualidade nas histórias em quadrinhos da dupla dinâmica Robin e Batman. Nas concepções do psiquiatra o Batman é “anti-feminino e gay”, em suas histórias Batman não mostra interesse amoroso ou sexual por nenhuma mulher. Wertham, Afirma a “psicopatologia de sexo” na relação do Batman e Robin. E concluí que “*o tipo de história do Batman pode estimular crianças para fantasias homossexuais, e que a natureza do desejo é inconsciente. Em adolescentes que percebem isso, pode acrescentar estímulo ou reforça-los*”²² (WERTHAM, 1955, p. 192 apud LIMA p.7. 2015).

Nessa época o governo dos Estados Unidos demitia qualquer pessoa homossexual envolvida em cargos do governo. E ambas as esferas da sociedade o preconceito estava latente. As acusações de Wertham repercutiu a ponto de haver investigação no senado estadunidense e mudanças editoriais que garantiam regulamentação sobre os quadrinhos (PIOVESAN, 2012 apud LIMA p.07. 2015). O discurso produziu efeitos que cristalizou no imaginário social convicções da relação homossexual de Batman e Robin.

(...) A assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social. Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem constituir-se e mostrar-se autor (E. Olandi, 1988 apud Olandi p.76. 200)

Após a repercussão no mundo dos quadrinhos a cerca desse tema a editora DC Comics precisava esclarecer a identidade sexual dos heróis, assim, na edição de número 233 da revista *Detective Comics*, em julho de 1956, a personagem Kathy Kane ressurgiu nas páginas dos quadrinhos. Kane tinha um interesse amoroso por Batman decidiu combater o crime para manter vínculo com seu pretendente. Logo mais, o casal estava formado Batman e Batwoman. A personagem acompanhava o herói em suas aventuras, mas claramente era inferiorizada, apesar de possuir habilidade física parecidas, a intelectualidade brilhante de Batman, não lhe foi concedida.

O discurso protagonista de Batwoman foi para silenciar qualquer suspeita de que Batman poderia vir ser homossexual. Considerando o que há sempre no dizer um não-dizer necessário.



Quando se diz “x”, o não dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”, isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra “homossexual” significa pela sua diferença com “heterossexual. Essa diferença é silenciada com a presença hetero feminino.

A personagem Lois Lane foi criada como a “mulher perfeita” para Superman, diferente das heroínas, suas roupas são elegantes e compostas. A primeira Heroína o espelho de Tarzan. A mulher Gavião eternamente fiel ao Gavião Negro, e a Batwoman foi criada para resolver um problema de Batman, ambas as heroínas ocupam o lugar protagonista, mas sempre retomam “o lugar de submissão” de inferior, sempre a mercê, à vontade e o desejo do herói. Um protagonismo de dualidade de sentidos ora a personagem “é protagonista por pertencer ao mundo dos heróis ao lado deles”, ora “re/significa o lugar de inferior por pertencer ao mundo dos heróis”. As heroínas não possuem identidade própria, suas roupas são idênticas ao do parceiro; suas habilidades e poderes diferenciam no quesito que para elas falta lhe algo, seus nomes são vinculados aos dos heróis. Estas foram as primeiras personagens a ocupar o “o lugar de protagonismo” reservado a figura feminina, posição que se constitui com a oposição do protagonismo masculino, disso, temos as heroínas como versão do herói.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os sentidos que se movimentam na leitura das heroínas e que reivindicam seus sentidos que está para além da/imagem empírica dos HQs. Nessa perspectiva, a imagem da heroína é produzida por diferentes discursos em diferentes condições de produção, está que circula em diferentes épocas, reproduzindo e historicizando novos sentidos a cada gesto de leitura e interpretação dos leitores.

No universo das histórias em quadrinhos de heróis e heroínas a representação feminina é ditada pelo caráter erótico de seus corpos sensualizados, e outro ponto, é a representação de um valor social ou moral: o amor, o casamento, a fidelidade etc. Essa relação é conflituosa porque a posição social da mulher é voltada ao lar, e ao mesmo tempo um objeto de desejo ao homem, em ainda, de outro viés, os movimentos de mulheres que lutam pela emancipação de seus direitos, e de poderem ter a mesma posição social que o homem; dessas tensões ideológicas que engendram os imaginários sociais. Contudo, nosso gesto de leitura mostra que o lugar de protagonismo sempre retoma ao herói, que a heroína ocupa a posição de protagonismo quando ele permite.



REFERÊNCIAS:

BARCELLOS, Janice Primo. O feminino nas histórias 1: a mulher pelos olhos dos homens. In: Núcleo de Pesquisas em quadrinhos da ECA-USP. 2000.

LIMA. S.Q. Batwoman e a questão das representações da homoafetividade nas histórias em quadrinhos de Super-heróis. 2015.

ORLANDI, Eni P. **Do sujeito na história e no simbólico.** IN:Contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Revista Escritos nº 4 – Labeurb Unicamp, Campinas: SP., 1999.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre (et al.). Papel da memória. Trad. de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

Regina, Gustavo Brocanello. A costela de Adão: a heroína de quadrinhos como versão do herói /Gustavo Brocanello Regina. - 2017.

Weschenfelder G.V e Colling A. AS SUPER-HEROÍNAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO. Diálogos, v. 15, n. 2, p. 437-454, maio-ago./2011.

*<http://fantasticursos.com/10-super-heroínas-dos-quadrinhos-antes-da-mulher-maravilha/>

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil>